

A espiral do silêncio

Como uma maioria é convencida de que está sozinha

Graciliano Tolentino

AMOSTRA DO MANUSCRITO / EDIÇÃO EM PREPARAÇÃO

O silêncio não diz uma coisa só

Uma pessoa permanece calada no meio de uma conversa.

Os demais veem o mesmo gesto: ela não respondeu. Nenhum deles, porém, enxerga necessariamente a mesma coisa.

Um imagina medo. Outro conclui desprezo. Um terceiro interpreta concordância. Talvez alguém suponha que ela não tenha entendido o assunto. Quem a conhece pouco pode julgá-la tímida; quem já discutiu com ela pode chamar o silêncio de estratégia. É possível que todos estejam errados.

Talvez ela esteja apenas cansada.

Talvez tenha aprendido que aquela roda não faz perguntas para ouvir respostas. Talvez proteja um segredo que não lhe pertence. Talvez conheça um fato, mas ainda não disponha de prova. Talvez dependa materialmente de alguém presente. Talvez tema perder a liberdade. Talvez deseje conservar uma amizade. Talvez não queira entregar mais uma hora de sua vida a uma disputa que terminará exatamente onde começou.

Ou talvez esteja feliz em silêncio.

O gesto exterior é o mesmo. A vida interior não é.

Temos o hábito de tratar a palavra como coragem e o silêncio como falta. A pessoa que fala “se posiciona”; a que não fala “se omite”. Essa linguagem pode descrever certas situações, mas se torna injusta quando pretende explicar todas. Há silêncios produzidos por covardia, sem dúvida. Há silêncios comprados, impostos e humilhados. Há também silêncios de prudência, intimidade, estratégia, misericórdia, concentração e paz.

Uma boca fechada não revela sozinha quem a fechou.

Às vezes, o silêncio é isolamento. A pessoa observa a sala, não reconhece nenhum aliado e começa a duvidar da legitimidade daquilo que pensa. Não recebeu ordem

de calar. Ninguém precisou ameaçá-la diretamente. Bastou que cada sinal disponível lhe dissesse: você está só.

Ela faz um cálculo. Talvez perca estima, trabalho, amizade ou segurança. Talvez seja ridicularizada. Talvez sua frase seja retirada do contexto e passe a existir para sempre numa tela. O cálculo pode ser realista ou exagerado. A consequência imediata é a mesma: uma ideia deixa de entrar no espaço comum.

Outras vezes, o silêncio é um escudo. A pessoa sabe o que pensa e não precisa demonstrá-lo a qualquer plateia. Recusa a provocação, preserva energia e escolhe outro momento. Pode falar, mas não aceita que o outro determine quando, onde e em qual linguagem deverá fazê-lo. Seu silêncio não nasce da incapacidade. Nasce do governo de si.

Há ainda o silêncio do pensamento que amadurece. Nem toda ideia suporta a luz no instante em que nasce. Algumas precisam de leitura, prova, tempo e contradição. Publicá-las cedo demais seria trocá-las por uma versão inferior apenas para receber a recompensa imediata de parecer presente.

E existe o silêncio que se torna insuportável.

Ele começa protegendo e termina corroendo. A pessoa já não encontra ninguém diante de quem possa pensar em voz alta. Desconfia dos amigos, da família, das instituições e até de lugares que deveriam oferecer confiança. Antes de falar, censura a frase. Depois censura a pergunta. Por fim, tenta não perceber aquilo que não poderia dizer.

Nesse momento, o silêncio deixa de ser ausência de som. Torna-se ocupação da consciência.

Não há fórmula simples para determinar a fronteira. Quem está fora costuma recomendar heroísmo com facilidade. É barato exigir que outra pessoa arrisque emprego, vínculo, liberdade ou vida em nome de uma coragem que o conselheiro não precisará exercer. Também é fácil chamar de prudência qualquer recuo e construir uma filosofia inteira para não enfrentar nada.

Entre martírio e fuga existe o território difícil da escolha.

É nesse território que este livro se instala.

Fim do excerto. Manuscrito vigente, entrega de 20/09/2026, seção Abertura. Excerto inicial; sem alterações de autoria.

olavismo.com.br / Projeto autoral independente